

# CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PARA CONDIÇÃO HUMANA: EXPERIÊNCIAS COM O JORNAL IMPRESSO EM SALA DE AULA

Érica Renata Clemente Rodrigues (Graduada-UERN)<sup>1</sup>

Moisés Henrique Cavalcanti de Albuquerque (Mestrando-UERN)<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo surge a partir de discussões do Programa de Pós-graduação em Educação da UERN. Discute o termo educação, seus fins e importância social. Reflete contribuições da educação para a condição humana a partir da experiência com o jornal impresso em sala de aula. Tem como metodologia estudo bibliográfico e pesquisa empírica. Na cidade de Mossoró-RN, através do *Programa Ler Para Saber Mais*, há experiências exitosas a partir do uso do jornal impresso em sala de aula. O campo de pesquisa é uma escola municipal de Mossoró. A investigação nos permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes com o jornal em diferentes atividades. Os primeiros passos no processo de leitura foram tímidos. As novas descobertas os levaram a novos horizontes. Inferimos que a utilização do jornal impresso como meio pedagógico tem demonstrado resultados positivos no tocante à produção de conhecimento e a construção da condição humana.

**Palavras - chave:** Educação; Condição humana; Jornal impresso.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Aluna especial do Mestrado em Educação da UERN.

<sup>2</sup>Graduado em Comunicação Social. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós Graduação da UERN – POSEDUC.

Falamos muito sobre educação nos dias atuais. Levantamos bandeiras por um ensino de qualidade que forme cidadãos e prepare as pessoas para o mundo competitivo do trabalho. Temos enfatizado que a educação escolar é uma das principais fontes para o avanço social. Diante de tal realidade refletimos nesta produção a importância da educação para condição humana. Questionamos se podemos falar em uma educação ideal. Discutimos seus fins, validade e contribuições para a formação humana em um sentido amplo, inclusive no contexto da cidadania.

Antes de iniciarmos o percurso na busca pela compreensão dessa almejada educação ideal é importante fazer um registro conceitual e histórico da cidadania. Segundo Rezende Filho e Câmara Neto, no artigo *A evolução do conceito de cidadania*, o termo cidadania tem origem entre os séculos oito e sete antes de Cristo. A expressão está relacionada ao desenvolvimento das antigas cidades gregas e carrega no significado o sentido de vida em sociedade. Em um breve resgate histórico os autores percorrem diferentes épocas e apontam transformações e, por que não dizer, evoluções no conceito e na prática da cidadania. Esse resgate nos guia até a modernidade e à percepção contemporânea da cidadania – que remete a condição de igualdade civil e política.

De acordo com Rezenfe Filho e Câmara Neto(2001), é uma difícil missão precisar datas para o surgimento do conceito. No entanto, é simples associar cidadania à ideia de participação política. A expressão política, em sua etimologia, já traz referências a esta compreensão de cidadania. Política tem origem grega e representa tudo o que diz respeito à cidade. Diante dessas breves explanações podemos compreender que política e cidadania têm uma relação próxima e de alguma maneira se complementam e vem se complementando com a evolução das sociedades.

O fato de se complementarem não quer dizer que sempre andaram em sintonia. Cardoso, *apud* Rezende Filho e Câmara Neto, afirma que a evolução das pólis gregas contribuiu para a distorção do conceito de cidadania. A cidadania passou a ser confundida com o conceito de naturalidade. Segundo os autores, considerava-se cidadão todo aquele nascido em terras gregas. Durante séculos o exercício da cidadania foi associado à participação política dos indivíduos, ou mesmo ao direito de participar. Esta perspectiva só veio apresentar as primeiras mudanças no período do Iluminismo, que representou uma espécie de época de transição. Revoluções sociais, religiosas, avanço

da ciência, ebulição no mundo das artes e o crescimento do ideal de liberdade ditaram o ritmo da construção de uma sociedade com mais justiça e igualdade.

No atual cenário social e político o conceito de cidadania ainda encontra abrigo lá nas antigas cidades gregas, mas se reveste de uma nova condição. A ideia de cidadania situa-se no relacionamento entre uma sociedade política e seus membros. Para Rezende Filho e Câmara Neto, há hoje uma multiplicidade de atitudes que caracteriza a prática da cidadania. Os autores afirmam que “um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como esta última deve garantir-lhe os direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, entre outros”. Nessa conjuntura é que pensamos que a educação que se propõe educar para a cidadania deve compreender o humano que vem antes do cidadão.

Por vezes resumimos o saber e a aprendizagem ao espaço ainda fechado que são a escola e a sala de aula. Mas, nossas pesquisas e experiências têm mostrado que a educação acontece em muitos lugares. A escola é apenas um espaço em que o saber é organizado pragmaticamente para facilitar a aquisição de conhecimentos de uma comunidade. A escola é apenas um dos inúmeros espaços onde a educação acontece.

Segundo Jiddu Krishnamurti (1993), o que atualmente chamamos de educação é um processo consistente em acumular conhecimentos tirados dos livros. E isso, qualquer um pode fazer. Em seu livro *o que é educação*, Brandão (2002) traz discussões interessantes sobre os lugares onde a educação acontece, sobre o ensino escolar e sobre as pessoas que praticam a educação. Nas palavras de Brandão “ninguém escapa da educação”. O autor afirma que a educação é uma prática social – como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar – cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento.

Na tentativa de compreender - e não de conceituar, a condição humana, encontramos abrigo na perspectiva complexa de Morin. Complexidade no entendimento de algo que é tecido junto. Construído na reunião de diferentes elementos. O pensamento de educar para a condição humana não pode se compartimentalizar. Requer dos educadores, como diz Morin, um remembramento dos conhecimentos. Para a educação do futuro é necessário promover um grande remembramento dos

conhecimentos oriundos das ciências naturais e dos conhecimentos derivados das ciências humanas.

Quanto à pesquisa empírica destacamos que a experiência nos permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes com o jornal em diferentes atividades. Os primeiros passos no processo de leitura do jornal impresso em sala de aula foram tímidos. As novas descobertas os levaram a novos horizontes. Os conduziram por caminhos que não são apresentados nos conteúdos programáticos das aulas convencionais. Segundo Brandão essa é a esperança da educação: acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo.

De que falamos quando mencionamos o termo educação? Podemos falar em um modelo de educação ideal? Em que consiste a importância da educação? Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2002), não há uma forma única nem um único modelo de educação. Em seu livro *o que é educação*, Brandão traz discussões interessantes sobre os lugares onde a educação acontece, sobre o ensino escolar e sobre as pessoas que praticam a educação. Nas palavras de Brandão “ninguém escapa da educação”:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida. (BRANDÃO, 2002, p. 7).

Brandão afirma que quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de pessoas. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, uns passam para os outros os saberes que os constituem e legitimam. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, envolve as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

De acordo com o autor, a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera ou sempre se diz que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor. “Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz” (Brandão, 2002, p. 20).

Krishnamurti (1993), em seu livro *A educação e o significado da vida* afirma: a educação convencional dificulta o pensar independente e a padronização do homem conduz a mediocridade. O autor reflete

Se a vida tem um significado mais alto e amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos esse significado? Podemos ser superiormente cultos; se nos falta, porém, a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes; e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará. (KRISHNAMURTI, 1993, p. 9).

A educação não está confinada aos muros da escola ou as paredes de salas de aulas tradicionais. Brandão (2002), afirma que a educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Nesse sentido, o autor reitera que os gregos ensinam o que hoje esquecemos.

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. (BRANDÃO, 2002, p. 21)

Para Krishnamurti, a educação não significa, apenas, adquirir conhecimentos, coligir e correlacionar fatos; “é compreender o significado da vida como um todo. Mas o todo não pode ser alcançado pela parte – como estão tentando fazer os governos, as religiões organizadas e os partidos autoritários” (1993, p. 12). Assim, segundo o autor, a educação, no sentido genuíno, é a compreensão de si mesmo, pelo indivíduo, porque é de dentro de cada um que se concentra a totalidade da existência. “O que atualmente chamamos educação é um processo consistente em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, e isso qualquer um que saiba ler pode conseguir” (ibidem, p.15).

Para o autor a mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com a vida como um todo. Outra finalidade da educação é a de criar novos valores. “Inculcar, simplesmente na mente da criança os valores prevaletentes, fazê-la ajustar-se a ideais, é condicioná-la, sem despertar-lhe a inteligência” (1993, p. 23).

Segundo Krishnamurti, o que atualmente chamamos de educação é um processo consistente em acumular conhecimentos tirados dos livros. E isso, qualquer um pode

fazer. Essa busca por estratégias pedagógicas com o olhar voltado para a subjetividade vai de encontro às práticas tradicionalistas e cartesianas que limitam a percepção do indivíduo enquanto humano e a aprendizagem dos sentidos.

Brandão (2002) lembra que o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia, ou seja, a teoria da educação cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor.

A ideia de que a educação não serve apenas à sociedade, ou à pessoa na sociedade, mas à mudança social e à formação consequente de sujeitos e agentes na/de mudança social, pode não estar escrita de maneira direta nas "leis do ensino". Mas as suas consequências podem aparecer indiretamente.

Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos, por que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante. A resposta mais simples é: "porque a educação é inevitável". Uma outra, melhor seria: "porque a educação sobrevive aos sistemas. Uma outra ainda poderia ser: "porque a educação existe de mais modos do que se pensa e, aqui mesmo, alguns deles podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo".

"Reinventar a educação" é uma expressão cara a Paulo Freire (1996). O mais importante nesta palavra, "reinventar", é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de "educação bancária", ele sempre quis desarmá-la da ideia de que ela é maior do que o homem.

Freire coaduna o pensamento de Edgar Morin. Em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin (2011) destaca a condição humana como um caminho necessário a ser percorrido pela Educação. Segundo ele, "a educação do futuro deverá ser também o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana". A perspectiva da educação capitalista, tecnicista e especializada, contribui para o aprendizado ao passo que dinamiza as informações e tornam mais atrativos os conteúdos. No entanto, por si

só, não são capazes de formar cidadãos, de construir o caráter, nem tampouco de despertar nos estudantes a capacidade de refletir e produzir conhecimento.

Brandão discute e corrige a visão estreita de que a educação se confunde com a escolarização e se encontra só no que é "formal", "oficial", "programado", "técnico", "tecnocrático". “Se em algumas páginas falei dela como um entre outros instrumentos de desigualdade e alienação, em outras imaginei-a como uma aventura humana”(2002, p. 50 ).O autor conclui:

Mas, assim como a vida é maior que a forma, a educação é maior que o controle formal sobre a educação. Por toda parte as classes subalternas aprenderam a criar e recriar uma cultura de classe também formas próprias de educação do povo. O que existe na verdade nas comunidades de subalternos é a preservação de tipos de saber comunitários e de meios comunitários de sua transferência de uma geração para outra. (BRANDÃO, 2002, p. 50)

Esta é, segundo o autor, a esperança que se pode ter na educação. Despertar da ilusão de que todos os seus avanços e melhoras dependem apenas de seu desenvolvimento tecnológico. Acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo.

## **COMPREENDENDO A CONDIÇÃO HUMANA**

No caminho em busca de um conceito para condição humana deparamo-nos com percursos escorregadios. Os autores com os quais dialogamos não trazem conceitos e nos apresentam trilhas que abrem um universo complexo sobre essa temática. A partir das obras de Morin e Krishnamurti, pensamos que a condição não é conceituável, e sim compreendida. Essa percepção, de certo modo, nos traz um maior conforto cognitivo porque não vai de encontro aos posicionamentos dos dois autores.

Morin (2006), em *A cabeça bem-feita*, afirma que o estudo da condição humana não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas. Não depende apenas da reflexão biológica e das descrições literárias. Depende também das ciências naturais. Essa afirmação nos coloca diante das questões que envolvem a subjetividade. Nossa condição humana não pode ser definida por meio das classificações biológicas. O campo da subjetividade integra em grande parte o que constrói o entendimento sobre o que é a condição humana. “Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico,

o mundo vivo, e ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura”. (MORIN, 2006. p. 27).

A origem etimológica da palavra “humano” não consegue traduzir a dimensão do que é realmente ser humano. A palavra tem origem do latim *humanus* e faz referência a tudo o que relativo ao homem enquanto espécie. Ora, a definição por si só já limita. O que é definido não tem extensão. Não pode ser maior, nem menor. Está posto. O humano não é assim. A condição do humano não é uma só para todos os exemplares dessa espécie. Morin traz considerações que nos apresentam a uma dimensão bem mais superlativa do que pode ser compreendido da condição humana:

O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viça e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é o humano: a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade. (MORIN, 2006. p.40)

O pensamento de educar para a condição humana não pode se compartimentalizar. Requer dos educadores, como diz Morin, um remembramento dos conhecimentos.

Para a educação do futuro é necessário promover um grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos derivados das Ciências Humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidades humanas. (MORIN, 2011. p. 44).

Em um mundo cada vez mais competitivo, rápido e múltiplo, onde as escolas preparam seus alunos para o mercado de trabalho, o foco da educação se volta para as especialidades. Um ensino predominantemente tecnicista e fragmentado que atende às necessidades das empresas, dos concursos e do ingresso nas universidades. Escolas que formam profissionais altamente qualificados no campo técnico, no entanto não discutem nem ensinam o conhecimento da condição e da vida humana.

É perceptível um distanciamento da educação dessas questões. Muitas vezes, os livros são trabalhados como fontes de consultas ou de informações mais elaboradas e não como fonte de conhecimento profundo. Percebemos alunos que passam horas dedicados a aprender fórmulas matemáticas; alunos que descrevem com habilidade o funcionamento de circuitos eletrônicos avançados; que discorrem sobre a trajetória de sucesso de grandes empreendedores, mas que incapazes de enxergar o outro que está a seu lado. Não conseguem ver o ser humano, nem tampouco percebem a si mesmos.

## EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

A partir da experiência profissional nas áreas da Comunicação e da Educação identificamos que a utilização do jornal impresso como meio pedagógico em sala de aula tem demonstrado resultados positivos e reveladores no tocante à produção de conhecimento. Na cidade de Mossoró e em municípios da região Oeste do Rio Grande do Norte, por meio do *Programa Ler Para Saber Mais*, desenvolvido pelo Jornal Gazeta do Oeste, há experiências exitosas a partir do uso do jornal impresso em sala de aula como instrumento de auxílio no processo ensino/aprendizagem.

Os estudantes são estimulados, todos os dias, a ler informação. A partir dos exercícios em sala de aula, esses alunos são despertados para temas desconhecidos, realidades diferentes das que eles vivenciam no cotidiano ou mesmo são apresentados a novas leituras de situações do próprio cotidiano deles.

Os próprios professores passam por uma experiência que busca o ressurgimento do encantamento pela educação. Não a educação de alunos representados por ordem de chamada e notas em boletins. Mas a educação de pessoas humanas, que sentem, que pensam, que vivem. Atividades que estimulam uma relação entre aluno e professor que valorize a troca do olhar, o gesto, o exemplo. Ouvir o que não foi dito.

Segundo JidduKrishnamurti, em *A Educação e o Significado da Vida*, o que atualmente chamamos de educação é um processo consistente em acumular conhecimentos tirados dos livros (1993). E isso, qualquer um pode fazer. Essa busca por estratégias pedagógicas que dialoguem com a condição humana vai de encontro às práticas tradicionalistas e cartesianas que limitam a percepção do indivíduo enquanto humano e a aprendizagem dos sentidos. Fonseca (2003), refaz o percurso de Krishnamurti e afirma:

As práticas cartesianas adestradoras do espírito humano vêm reprimindo e anestesiando a aprendizagem dos sentidos. Não olhamos o mundo de forma livre ou aleatória. Olhamos o mundo a partir do paradigma através do qual fomos educados. Ao longo do tempo, nosso olhar foi direcionado para o que estava distante, para o macro, para o que estava fora de nós. A sugestão agora é que a nova educação seja capaz de fazer emergir uma forma de ver que abrace o homem, a vida e o mundo (FONSECA, 2003, p. 192).

A contextualização das notícias é uma alternativa para que a educação acompanhe a mudança nos formatos de comunicação e ofereça a chance de olhar o outro e encontrar-se com si mesmo. Essa contextualização de informações, segundo afirma Edgar Morin (2006) em *A cabeça bem-feita*, é matéria-prima para produção de conhecimento. Os estudantes são consumidores das novas tecnologias. Eles absorvem informação a todo instante. Das mais diferentes fontes. É preciso que os professores trabalhem no sentido de que esses alunos não sejam apenas consumidores passivos da informação. Mas que a partir delas, eles interpretem suas mensagens, reflitam sobre os conteúdos apresentados e formem conhecimento. E não apenas acumulem saberes fragmentados. Essa fragmentação de saberes não permite que o indivíduo consiga maturar seus aprendizados. Impede o estabelecimento de elos entre o que aprendeu, as experiências que viveu e o contexto em que está inserido.

Morin afirma que essa supremacia do conhecimento fragmentado deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (2011). Ele defende que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino.

É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos, seja cega quanto ao que é conhecimento humano, seus dispositivos, suas enfermidades, suas dificuldades, suas tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer. (MORIN, 2011, p. 15)

Relatos da coordenação do *Projeto Ler para saber mais* mostram que a partir da iniciativa da leitura em sala de aula muitos alunos mudaram os hábitos escolares e pessoais. O fato é que a informação associada ao hábito de ler gerou nesses estudantes o desejo de desbravar um universo que outrora não era explorado, simplesmente por falta de oportunidade. Simplesmente porque a informação que era apresentada era superficial. Porque essa superficialidade não gerava dentro deles o desejo de saber mais, de questionar, de contestar, de refletir.

A leitura do jornal em sala extrapolou os limites da formação de leitores e passou a atuar como um instrumento estimulador do pensamento e das experiências humanas, ao passo que trouxe experiências de vida contidas na narrativa jornalística. Experiências que proporcionam um reencontro com sua própria realidade; permitem o conhecimento da realidade do outro e provoca o estudante enquanto ser humano que

tem a capacidade de pensar, de se indignar ou de se colocar no lugar dos personagens das notícias do impresso.

Não é tarefa fácil transcender o campo da aprendizagem prática e estimular nos alunos a reflexão. Muitas vezes os próprios professores carregam consigo o desestímulo. E essa postura contraproducente se transforma em obstáculos à reflexão na prática educativa. O estímulo à reflexão não pode partir de quem não carrega consigo o desejo incontido pela busca do conhecimento.

A pesquisa nos permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes com o jornal em diferentes atividades. Alunos que tiveram a experiência de ler jornal em sala de aula pela primeira vez, outros que já trabalham com o jornal há mais tempo.

Os primeiros passos no processo de leitura do jornal impresso em sala de aula são tímidos. Carregados de receios. Como se o aluno resistisse e não quisesse lançar-se numa queda livre ao desconhecido. Mas para chegar ao conhecimento é preciso, como afirma Florence Dravet (2004), acolher o desconhecido. Entregar-se ao novo e explorar todos os labirintos que habitam cada um de nós. Permitir-se descobrir o que está lá fora e reencontrar-se com que está escondido dentro de nós. Escondido, muitas vezes, não por escolha própria, mas por falta de oportunidade de voar rumo ao mundo de descobertas que a leitura nos apresenta. Essas descobertas nos levam a novos horizontes. Conduzem-nos por caminhos que não são apresentados nos conteúdos programáticos das aulas convencionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro da perspectiva da “educação e cidadania”, entendemos que educar para a condição humana é um caminho para a construção da cidadania. Esta, não no sentido singular de um cidadão legitimado pelo caráter político e institucional da cidade, mas no sentido plural de um cidadão que é, antes de um integrante de um sistema, um ser humano formado, e em formação, por processos culturais, sociais, sensoriais e humanísticos. É papel da educação contribuir para a construção do sujeito enquanto cidadão. Na conjuntura atual da formação – onde o foco está mais voltado para o tecnicismo, para a profissionalização, para o mercado - educar para a condição humana é uma alternativa para formar cidadãos mais conscientes da sua própria condição de humano.

É uma possibilidade que se apresenta como caminho para estes cidadãos sejam humanos conscientes e para que estes humanos sejam cidadãos conscientes. Diante disso, a ideia de educar para a condição humana e buscar estratégias em sala de aula para isso se mostra como uma via de construção da cidadania.

Questões que muitas vezes passam despercebidas diante dos avanços da tecnologia e da modernização das relações. A cidadania se perde nesse caminho virtual em que o real é pouco discutido. Esquecemo-nos que o virtual que produzimos só foi possível graças ao real. E o real é humano. O cidadão é humano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**São Paulo: Brasiliense, 2002.

DRAVET, Florence. Acolher o desconhecido. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa; ENÉAS, Luzia Ferreira Pereira. Por um reencantamento da educação. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Orgs.). **Formação de professores e pesquisas em educação: teorias, metodologias, práticas e experiências docentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. Tradução de Hugo Veloso. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a forma: reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. São Paulo. Cortez Editora, 2011.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros; CÂMARA NETO, Isnasrd de Albuquerque. **A evolução do conceito de cidadania**.Revista Ciências Humanas – UNITAU, vol 7, N2, São Paulo, 2001.